

## Coluna do Castello

### Kissinger testa general Leônidas

**D**eve ter passado despercebido aos políticos e empresários presentes na casa do industrial Israel Klabin para o jantar de homenagem ao sr Henry Kissinger o diálogo do visitante com o general Leônidas Pires Gonçalves, ministro do Exército, um dos dois ministros de Estado presentes. O outro era o sr Bresser Pereira. Do contrário a informação já teria sido liberada para algum jornalista.



O fato é que, a certa altura, ignoro se com testemunha, o ex-secretário de Estado norte-americano perguntou ao ministro do Exército brasileiro se o presidente Sarney costumava ouvi-lo. "Sem dúvida", respondeu o ministro, "Ele costuma me ouvir". — "Sobre todos os assuntos?" — "Penso que sim". — "Também sobre os assuntos políticos?" — "Também sobre os assuntos políticos". — E o presidente acata suas opiniões?" — "Às vezes sim, às vezes não". — "E quando ele não acata o que o senhor faz?" — "Nada. O presidente é ele. Ele é quem decide".

Ao general Leônidas a curiosidade do sr Kissinger não agradou. Comentando-a com um amigo pessoal, o ministro do Exército observou: "Esse cara está pensando que somos uma republiqueta. Ele não percebeu que as Forças Armadas Brasileiras, depois de 20 anos de experiência do exercício do poder, se deram conta de que, se elas podem resolver a curto prazo alguns problemas críticos, não podem resolver duradoramente as questões nacionais. As Forças Armadas estão convencidas de que só se chega à grandeza pela democracia, à grandeza grande".

Nem tudo o que está entre aspas traduz as palavras exatas passadas no diálogo, que procurei recompor aproximadamente, mas em essência foi o que se disse na troca de perguntas e respostas e o que comentou o ministro, irritado com a curiosidade do visitante, curiosidade que revela obviamente que os políticos norte-americanos ainda não acreditam plenamente na mudança de comportamento político das Forças Armadas brasileiras.

### A convenção do PMDB

O noticiário sobre os preparativos da convenção do PMDB começa a indicar que o presidente da República e o presidente da Constituinte começam a mobilizar seus correligionários para comparecer à reunião provocada pelo deputado Maurício Fruet, em nome dos que querem para o sr José Sarney um mandato de quatro anos e aspiram ao parlamentarismo e a aumentar a influência do programa do PMDB na elaboração da Constituição de modo a promover reformas que foram compromissos de campanha. A tática poderia ser outra: a do não comparecimento, a fim de negar número à convenção para deliberar. Mas os indícios são de que os presidentes da República e da Constituinte decidiram-se pelo desafio.

É provável que os governadores tenham sido mobilizados para corrigir na convenção a bancada federal com a representação estadual, na qual deveriam predominar os partidários de Sarney e Ulysses. O governador Álvaro Dias, embora pelo mandato de cinco anos, não interfere num estado no qual o lema é cada um por si. O governador Orestes Quécia não dispõe do controle da bancada federal mas poderá mandar uma cota estadual ponderável. O governador Newton Cardoso deve ser o mais influente. O governador Moreira Franco tem uma bancada dividida, embora possa agir em comum, nesse caso, com o ministro Rafael de Almeida Magalhães.

Não é fácil identificar correntes ideológicas em meio a essa mixórdia pemedebista. O sr Mário Covas, que lidera hoje a convenção, é pelos quatro anos, pelo ajustamento da Constituição às reivindicações partidárias e pela obrigatoriedade do voto do constituinte de acordo com a decisão da convenção. Atrás dele estaria o grosso da esquerda. Mas o sr Ulysses Guimarães tem consigo os governadores Waldir Pires e Pedro Simon, cujas bancadas se dividem com predominância dos encurta-mandato. Mas a seu lado estão o líder da bancada na Câmara, sr Luiz Henrique, eleito pela esquerda, os ministros da Ciência e Tecnologia e da Previdência e possivelmente o senador Severo Gomes, que ainda não rejeitou o mandato de cinco anos, embora o tenha feito o senador Fernando Henrique Cardoso.

O grupo chamado de *Centro Democrático*, coordenado pelo deputado Carlos Santana, somará suas forças desta vez com a corrente *ulissista* e pode interromper com êxito uma votação que lhe pareça hostil ou chegar a uma vitória, que atenda ao presidente Sarney e ao presidente Ulysses em dois pontos para ambos essenciais: a preservação do presidencialismo e o mandato de cinco anos.

Quanto à grande definição ideológica do partido, o sr Ulysses compõe-se com a maioria, o senador Mário Covas deseja convencer essa maioria a seguir na vertente esquerda da Constituinte e o presidente José Sarney fez a sua "análise profunda" e a sua definição válida na entrevista coletiva, na qual a tônica foi a abertura para a modernização do Brasil na vertente das democracias capitalistas, tendência que poderá ser a dominante na Constituinte.

Carlos Castello Branco